



Prioridade é garantir serviços aos brasileiros e direitos dos trabalhadores

Presente em todo o território nacional, com 117 mil empregados, empresa também atua em campanhas de amplo alcance social, como nas eleições e no Enem, e corre risco de desmonte

A história postal no Brasil é, no mínimo, fascinante. As primeiras cartas – entre elas as de Pero Vaz de Caminha, em 1500, anunciando o Novo Mundo - chegavam com os assistentes do Correio-Mor das Cartas do Mar. Mas comunicação é estratégia e, interessada em controlar as informações sobre as riquezas da colônia, a Coroa proibiu a atuação do Correio-Mor no interior do País em 1730. Sessenta e oito anos depois foi instituído o processo de organização postal dos correios terrestres e a ligação postal marítima regular entre Rio de Janeiro e Lisboa. E hoje, em plena era digital, os Correios continuam fundamentais para os brasileiros. “É a maior empregadora celetista, com 117 mil trabalhadores, presente em todo território nacional. Como foco, garante aos cidadãos, constitucionalmente, o acesso a serviços postais básicos, como receber e enviar cartas, telegramas e encomendas e transações

O que é **público** pra você?

se é
público,
é para
todos



Defender os Correios
é defender o Brasil.



Comitê Nacional
em Defesa das
Empresas Públicas

bancárias. Várias ações para campanhas sociais foram desenvolvidas com excelência pelos Correios nos últimos anos, como a logística da prova do ENEM, entregas de livros didáticos, para as eleições e no Programa Leite Materno, entre outros”, destaca a “Carta-Aberta ao

Povo Brasileiro” divulgada no último mês pela Fentect-CUT, a Federação Nacional das Empresas dos Trabalhadores em Correios, Telégrafos e similares.

A divulgação do documento, porém, não é comemorativa. A carta expõe as reivindicações dos trabalhadores do setor, hoje ameaçados pela onda privatizante que toma conta do governo Temer, com demissões e fechamento de agências. “Nenhum investidor privado manteria os serviços em determinadas localidades que apresentem prejuízo. O objetivo do capital é o lucro!”, reforça o documento.

Recentemente, os trabalhadores dos Correios fizeram uma greve que durou 12 dias e teve como eixos centrais a resistência ao desmonte da empresa e às demissões e privatização, além de reivindicar mais segurança nas agências, retorno da entrega diária, auditoria da dívida pública, com taxaço das grandes fortunas, e abertura dos livros contábeis dos Correios, conquistando o recuo da empresa em suspender as férias dos trabalhadores, mas com limitações. Eles também prometeram não judicializar a questão do plano de saúde, enquanto o tema estiver sob mediação do Tribunal Superior do Trabalho (TST).

Em 2016, os Correios anunciaram um Programa de Demissão Incentivada (PDI) e pretendia atingir a meta de 8 mil servidores, mas apenas 5,5 mil aderiram. Também foi anunciado o fechamento de 200 agências e de medidas de redução de custos e de reestruturação da folha de pagamentos. “O governo Temer tem provocado demissões incentivadas, sem novas contratações, o fechamento de agências e o fim

da entrega diária. Para isso, utiliza o presidente dos Correios, Guilherme Campos, para dar declarações desastrosas, que apenas fortalecem a concorrência e as vozes privatistas (...) Diversas ações reduziram os resultados, como a retirada de dinheiro do caixa dos Correios, pelo governo - quase R\$ 6 bilhões das reservas -, a privatização do plano de saúde, gastos com patrocínios e consultorias etc. Mas vale destacar que se trata de uma empresa de potencial gigantesco, que arrecada mais de R\$ 20 bilhões por ano. Assim, com uma boa gestão e decisões os Correios podem voltar à normalidade e sobreviver por longos anos”, reforça o documento da Fentect.

Além da greve, os ecetistas também vêm recorrendo à pressão no Congresso Nacional para evitar a privatização da empresa e a perda de direitos. Em 30 de maio foi realizado o debate “A Situação de Crise na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos”. No evento, o secretário-geral da Fentect, José Rivaldo da Silva, destacou que existem, sim soluções viáveis para a empresa. “Se a presidência (da empresa) visitasse o chão de fábrica teria mais conhecimento de como melhorar as entregas e os serviços, do que dar tanto dinheiro para consultorias”, afirmou, referindo-se aos gastos de mais de R\$ 100 milhões com a reestruturação da ECT.

Assim como outras categorias de trabalhadores em empresas públicas, os ecetistas, por intermédio da Fentect e seus sindicatos, também integram ações conjuntas com o Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas. Essas ações de resistência implicam principalmente na divulgação das ameaças a que estas empresas estão submetidas e como seu desmonte atingirá

não apenas os empregados, mas, também a sociedade brasileira. “(...) O objetivo da estatal

é a integração nacional. Onde tem Brasil tem Correios!”, ressalta a carta-aberta da Fentect.